

QUANDO AS SOMBRAS DANÇAM: A PRESENÇA DA DANÇA DOS ORIXÁS NA CHARQUEADA SÃO JOÃO (PELOTAS, RS)

JULIANA BIZARRO CASCAIS¹;
DIEGO LEMOS RIBEIRO²

¹UFPEl – juliana_cascais@hotmail.com

²UFPEl – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender de que modo o espetáculo A Dança dos Orixás reinscreve presenças negras em Pelotas e transforma a Charqueada São João¹ (Pelotas-RS) em um palco político. O objetivo é analisar a potência das sombras como dimensão tanto estética quanto política da performance, compreendendo-as não apenas como resíduos de apagamento, mas como territórios férteis para a emergência de outras narrativas. Essas narrativas se sustentam no axé e na performatividade dos Orixás mobilizada pela Companhia de Dança Afro Daniel Amaro², cuja obra convoca corpos, ritmos e cosmologias afrodiaspóricas a habitar e reconfigurar esse lugar. Nesse contexto, as sombras deixam de ser apenas metáfora da violência e tornam-se também espaço de sobrevivência, ancestralidade e reencantamento.

2. METODOLOGIA

As reflexões desenvolvidas neste trabalho se sustentam nos estudos sobre a diáspora africana (FERREIRA, 2020; SYMANSKI, 2014; SINGLETON, 2013), em teorias da performance (SCHECHNER, 2006) e nas críticas ao patrimônio, em diálogo com autoras e autores como Hartman (2020), Hall (2003) e Faulkner (2020). A escrita busca deixar-se atravessar pelas sombras — entendidas aqui, simultaneamente, como presença da violência colonial (MIGNOLO, 2014) e como espaço de invenção artística, política e cosmológica.

¹ A charqueada São João, atualmente é utilizada para turismo em Pelotas. Em 2018, a charqueada São João (assim como outros edifícios do centro histórico de Pelotas) foi tombada pelo IPHAN (Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u3505>)

² Mais informações sobre a CIA de Dança Afro Daniel Amaro: <https://www.instagram.com/ciadanielamaro/>

Um eixo fundamental da metodologia consistiu em integrar as cosmologias evocadas na Charqueada São João como símbolos ativos no espetáculo A Dança dos Orixás, da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro. Nesse processo, a performance convoca os artefatos descobertos na escavação arqueológica de 2016, reinscrevendo-os como catalisadores de memórias espirituais e como veículos de reativação das cosmologias enterradas. Esses objetos emergem das camadas da terra portando ausências, silêncios e esquecimentos, mas também a potência de reabrir caminhos de presença e encantamento (WEBER, 1982).

Outro aspecto central foi a colaboração com o projeto O Pampa Negro: Arqueologia da Diáspora Africana na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1870-1888), que possibilitou aprofundar a análise dos objetos encontrados e suas conexões com práticas cosmológicas e espirituais das populações escravizadas na Charqueada São João (SAMPECK; FERREIRA, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escavações realizadas na Charqueada São João revelaram artefatos e objetos rituais que indicam a presença de práticas espirituais afro-brasileiras, preservadas mesmo sob regimes de opressão. O espetáculo A Dança dos Orixás reconta a história da escravização e da resistência, oferecendo uma leitura que ilumina as sombras do passado e as convoca a falar. Os objetos encontrados funcionam como mediadores entre passado e presente, conectando práticas espirituais de outrora às expressões culturais atuais das comunidades afrodescendentes. No espetáculo, tornam-se agentes vivos, capazes de reativar cosmologias silenciadas pelo regime escravista, projetando sombras que atravessam o tempo e testemunham a persistência da ancestralidade que conforma identidades culturais (FERREIRA, 2022).

A análise preliminar demonstra que A Dança dos Orixás desestabiliza a narrativa patrimonial que cristaliza o contexto da Charqueada São João como mero monumento da elite. Nos corpos que performam, o espaço vibra: as paredes tornam-se memória e as sombras adquirem densidade, deixando de remeter à ausência para converter-se em presenças insistentes — territórios onde Exu abre caminhos. Nesse gesto, a sombra não é silêncio nem apagamento, mas força vital, pulsando memória, resistência e ancestralidade.

Dessa forma, A Dança dos Orixás transforma a Charqueada São João em palco sagrado, no qual a memória e a espiritualidade dos ancestrais escravizados são celebradas e reativadas. Mais do que uma experiência estética ou turística, a performance oferece ao público uma imersão nas sombras da história, reestabelecendo vínculos. Ao colocar em cena, bem como em exposições paralelas, os objetos escavados, o espetáculo articula tempos e cosmologias, atribuindo às sombras o papel de interlocutor espiritual e configurando um gesto de decolonialidade da memória afrodiaspórica.

Este estudo evidencia, assim, que a releitura desses objetos e das práticas a eles associadas possibilita o resgate de memórias marginalizadas e amplia a compreensão do patrimônio afro-brasileiro.



Figura 1 – Cena do Espetáculo A Dança dos Orixás.
(Foto: Banco de dados do Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material – LEICMA)

4. CONCLUSÕES

As abordagens descritas acima fortalecem a memória afrodiaspórica, como também propõe novas formas de compreender a articulação entre arqueologia, arte e espiritualidade. O espetáculo A Dança dos Orixás, assim como outras produções da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro, demonstra como materiais arqueológicos, ao serem recontextualizados, podem se converter em instrumentos potentes de ressignificação afro-brasileira.

Dessa forma, a Companhia de Dança Afro Daniel Amaro oferece uma visão mais inclusiva e plural da história e da cultura afrodescendente, onde o que se oculta nas sombras é também o que mantém viva a força da ancestralidade local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, C. A Vida Social das Coisas e o Encantamento do Mundo na África Central e Diáspora. **Métis – história e cultura**, (10): 19, p. 165-185. 2011.

BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. Vols I & II, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

FAULKNER, N. Archaeology from Below. **Public Archaeology**, (1): 1, p. 21-33, 2000.

FERREIRA, L. M. Ancestral Technologies: Afro-Brazilian archaeology and its contributions to the material history of Latin America, **Colonial Latin American Review**, 31:4, p. 599-606, 2022.

HALL, S. Da Diáspora: **Identidades e Mediações Culturais**. Liv. Sovik (org) Adelaine La Gardia Resende. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020.

MIGNOLO, W. Desobediencia epistémica. **Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires, Del Signo, 2014.

SAMPECK, K. E., FERREIRA, L. M. Delineando a Arqueologia Afro-Latino-Americana. Vestígios: **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, 14(1), p.140-168, 2020.

SCHECHNER, R. “O que é performance?”, em Performance studies: na introducción, second edition. New York & London: **Routledge**, p. 28-51, 2006.

SINGLETON, T. A. Reflexões sobre a Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil. **Vestígios**, vol. 7: p. 209-220, 2013.

SYMANSKI, L. C. Arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 49, 2014.

WEBER, M. A ciência como vocação: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.